

“Bonecos de luxo”: Limites e consequências da vulnerabilidade na vida do presbítero¹

“Luxury Dolls”: Limits and Consequences of Vulnerability in the Life of a Priest

PE. RAFAEL SOLANO*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar e visualizar a luz de dois autores que trabalham e aprofundam o tema da vulnerabilidade os elementos mais exigentes dentro do processo formativo no qual muitos candidatos ao ministério, assim como bispos, presbíteros e consagrados sofrem por causa do histrionismo quer como patologia, quer como distúrbio proveniente do excesso de exposição e desejo exagerado de ser conhecido e amado. Os autores Winnicott e Imoda abordam o tema de modo concreto e claro permitindo que o leitor num futuro possa abordar com maior solidez o tema do desenvolvimento psíquico e afetivo a pessoa humana.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Histrionismo. Precocidade. Traumas.

Abstract: The aim of this article is to analyze and visualize, in the light of two authors who work on and delve into the theme of vulnerability, the most demanding elements within the formative process in which many candidates for ministry, as well as bishops, priests, and consecrated persons, suffer because of histrionics, whether as a pathology or as a disorder stemming from excessive exposure and an exaggerated desire to be known and loved. The authors Winnicott and Imoda address the topic in a concrete and clear

¹ Análise antropológica e ética sobre a incidência da personalidade histriônica nos abusos afetivos e espirituais. “Uma visão à luz do pensamento de Donald Winnicott e Franco Imoda”.

* Rafael Solano é Presbítero da Arquidiocese de Londrina – PR. PhD em Teologia Moral, Presidente do Associação de estudos sobre o Personalismo cristão no Brasil, Coordenador do curso de Teologia da PUCPR – Campi Londrina – PR. Pároco da Paroquia Jesus Cristo Libertador em Londrina – PR.

way, allowing the reader to approach the theme of the psychic and affective development of the human person with greater solidity in the future.

Keywords: Vulnerability. Histrionics. Precocity. Trauma.

Introdução

O histrionismo não é uma patologia qualquer. São muitos os estudos realizados ao longo do tempo sobre esta realidade que atinge de modo especial pessoas adultas que por diversos motivos não estabeleceram ou melhor não aprenderam a lidar com a frustração, a ruptura e de modo especial a solidão que cabe na vida de todo ser humano.

A pessoa histriônica sempre vive em função de chamar a atenção sobre a sua imagem, ama as vênias, luzes, holofotes, reconhecimentos e grandes eventos nos quais ela possa ser adulada e enaltecida.

No ambiente clerical são frequentes os títulos as celebrações pomposas em torno a própria pessoa, despedias e acolhidas, celebrações maquiadas de liturgia, mas na verdade o centro está sempre ocupado por aquele que quer ser reconhecido.

Muitas vezes o histriônico se vale do contexto sagrado por uma única razão. É o método que ele tem para atrair sensual, sexual e espiritualmente as suas vítimas.

A personalidade histriônica sente necessidade de chamar a atenção a partir do seu físico, das suas formas, dos seus estilos nobres ou brutos, tristes ou exageradamente alegres etc.

Nos ambientes formativos, familiares e mesmo laborais encontramos pessoas com forte tendência histriônica devido a um alto perfeccionismo ou sem sabê-lo possuidoras de uma forte carência afetiva.

Nas pesquisas realizadas ao longo dos anos e de modo especial nos estudos sobre neurociência, logoterapia e ética comportamental tem se encontrado um alto índice de pessoas histriônicas no clero como também nos ambientes médicos e científicos.

Não é um rasgo comum em pessoas que desenvolvem atividades discretas e sim em pessoas que constantemente estão expostas; porém não pode ser afirmado que só pessoas que desenvolvem atividades públicas são alvos específicos de comportamentos e atitudes histriônicas.

Nas pesquisas sobre agressões sexuais e afetivas; assim como também no delicado processo de tentar entender uma das vulnerabilidades de alta e grave incidência no clero atualmente o suicídio; diversos pesquisadores temos apontado para o histrionismo como uma variante frequente.

A proposta deste artigo é precisamente sustentada sobre esta realidade já abordada por Donald Winnicott e Franco Ímoda. As obras sobre as quais fundamentamos este texto são Psicanálise do desenvolvimento de Winnicott e Desenvolvimento humano, psicologia e mistério de Ímoda.

Os dois psicólogos com visões amplas e aprofundadas no tema da formação inicial da pessoa. Winnicott protestante; Ímoda católico. Winnicott casado com filhos; Ímoda celibatário. São enfim duas visões e percepções suficientemente estruturadas e coordenadas sobre aquilo que podemos dizer é um caminho a ser construído dentro do processo formativo de todos nós.

Nenhuma das vulnerabilidades aparece por acaso. Toda vulnerabilidade é o resultado de diversas causas entre elas pouca empatia, nada de emoção, inconsistência cognitiva e cultural, conflitos e até epi gênesis criadas por causas e justificações explícitas onde os recursos foram mínimos ou aquilo que é pior onde não houve nenhuma possibilidade que estimulasse ajuda terapêutica e sólida formação dos candidatos ao ministério.

Um dos elementos vitais que Franco Ímoda desenvolve nas suas pesquisas é precisamente aquele de intensificar arduamente a procura pelo ambiente de fora exaurível até perceber que ali dentro do ambiente existe uma necessidade de observar o que está dentro, fora, na frente e por trás de cada pessoa. Uma análise constante do cotidiano ao ponto de não se esquecer da cultura de cada um aquilo que Blaise Pascal desenvolve no pensamento 919. “Não me procurarias se não me tivesses encontrado” (Pascal, 119).

Abordaremos dois itens ao longo do nosso artigo que nos permitirão entrever a importância do que poderíamos chamar de consequências diretas sobre a vulnerabilidade; assim como também os indicativos específicos da possível interação entre histrionismo e epi gênesis.

1 A desenvoltura lúdica e anímica da pessoa como característica preponderante no caminho do amadurecimento.

Quem não aprendeu a brincar com dificuldade descobriu a beleza do sorriso. O ser lúdico nos coloca a todos diante do mistério do aprendido e da relação com quem descobrimos o mundo. A dimensão criativa, afetiva e

relacional nasce da nossa capacidade de vivermos ao longo das nossas vidas o mistério de saber criar e recriar milhares de vezes aquilo que nos atrai, aquilo que nos conduz a nos conhecer de maneira leve e serena.

O lúdico em nós não é mera brincadeira é a constituição básica do sermos pensantes. Não criamos pela capacidade cognitiva exclusivamente e sim na relação que esta estabelece com a dimensão lúdica da nossa vida. Na vida de toda pessoa e especialmente na sua atividade sensorial a criança desenvolve cinco dimensões do seu ser lúdico:

- a. Participação diante de isolamento.
- b. Manipulação e serviço.
- c. Confiança no ambiente e capacidade de ficar só.
- d. A corporeidade e sua relação com os objetos.
- e. O prazer que traz saber se divertir (Winnicott, 1956/2002, p. 112).

Só na dimensão lúdica da nossa vida é que podemos desenvolver a nossa criatividade. Isto significa que aqueles que por alguma razão se fecham ao desenvolvimento lúdico perdem também a capacidade de progredir diante dos desafios que a vida apresenta. De fato, um dos maiores problemas na atualidade é que muitos dos ambientes que poderiam propiciar o desafio lúdico na pessoa, são ambientes isolados e virtuais. O lúdico nos coloca diante da confiança em todos os ambientes, de não nos sentir ameaçados quando competimos e de modo particularíssimo é desde o lúdico que aprendemos a viver a solidão.

Gostaria de postular um estado de ser que é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois. Esse estado de ser pertence ao bebê, e não ao observador. A continuidade do ser significa saúde. Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que, quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se, por outro lado, a pressão no exterior da bolha for maior ou menor do que aquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser, e o lugar do ser é substituído pela reação à intrusão (Winnicott, 1988, p. 148).

A figura da mãe cumpre um papel preponderante neste desenvolvimento pois quem se apresenta como “mãe devota”; como mãe perfeita não entenderá que não pode ganhar no lugar do seu filho. Muitas mães de homens adultos

não conseguem sair dos seus braços e das suas vulneráveis dependências. Muitos adultos não dependem mais das suas mães biológicas ou das suas cuidadoras, mas sempre estão a procura de alguém que cumpra este papel e precisamente por esta razão se perdem em atitudes desnecessárias e ambíguas a mais constante delas a exposição da sua própria vida.

É normal que as “neo-mães” respondam consciente e sensivelmente as necessidades dos seus filhos e filhas na medida em que estes lhes procuram ou precisam delas.

O que pode se tornar cada vez mais patológico é o fato de que sempre tenham a mãe por perto para lhes cobrir de atenções e sentimentos de resguardo e proteção. Nem sempre é a mãe biológica quem faz isto.

Muitas as vezes são as “neo-mães” que no caso de muitos celibatários encontram espaço para este tipo de cuidados excessivos e prolongam a infância de quem adulto poderia responder de modo muito mais viável na sua vocação.

Um caso frequente destas “neo-mães” segundo Imoda é perfilado por aqueles e aquelas que impedem os consagrados a forjar sua personalidade e os tornam incapazes até de viver a dor e passar por ela.

A dor é o lugar onde o mistério humano se manifesta. Alguns o apresentam como inimigo e como violência quando na verdade a dor é alteridade. Quem evita a dor em outras palavras está evitando viver (Imoda, 2016, p. 35).

Quando a pessoa toma consciência desta dependência que é só carência ela pode abrir intensamente o seu ser para um passo libertador e consciente daquilo que mais precisa. Ser ele mesmo”.

Não podemos fugir da dor, do crescimento, do amadurecimento do ser o que somos. A dor nos impõe limites diante da realidade e ninguém pode nos proteger ao ponto de não nos permitir esta possibilidade.

Surtem aqui diversas perguntas como por exemplo então como é que evolui o “si mesmo”? como vivemos as nossas emoções? Quais os elementos específicos deste desenvolvimento?

O eu, elabora mentalmente os eventos sensitivos e motores a partir das funciones que este decide realizar. Isto de modo específico consegue tratar particularmente as decisões, a realidade física e psíquica do indivíduo e define o interesse da pessoa pela sua unidade. Uma criança nem sempre tem consciência da calma que lhe produz o fato de estar sozinha. Só pessoas adultas conseguem entender o valor da solidão, e nela se sentirem seguras e amparadas.

Muitos adultos não chegam a este nível e precisam cada vez mais ser reconhecidos pelos outros, acolhidos por aqueles a quem eles consideram os seus “guardiões”.

Muitos dedicam-se a guardar mesmo a vida dos seus próximos. Mantem uma sobre proteção como também uma exposição quase que midiática.

Há um contraste frequente na vida de muitas pessoas a carência do ambiente precoce no qual ela vive.

Alguns estudiosos no processo vocacional afirmam que muitos vocacionados encontraram no ambiente seminarístico e preparatório ao ministério ordenado esta precocidade do falso eu que tem essas duas características mais fortes: Se adaptar ao que pedem e com prazer fazer tudo o é pedido.

A dependência absoluta por causa de uma incapacidade de arriscar de si mesmo aquilo que mais exige e ao mesmo tempo premia.

Winnicott faz uma análise das assim chamadas “falsas personalidades”. Você pode alcançar um alto cargo, uma alta comissão sendo totalmente dependente até da sua própria forma de se entender diante dos outros. Vamos desenvolvendo uma forma acumulativa de viver e de fazer com que os outros vivam em volta de nós. Queremos sempre dominar o ambiente o espaço e a cena impedindo que apareça a pessoa inteira tal e como ela deve ser.

2 Holding e Handling

Há uma grande diferença entre encontrar alguém que te sustente e alguém que te segure. O tempo é inevitável e mesmo que quiséssemos ser os mesmos a vida toda; existem elementos de uma realidade antropológica que a todos nos oferece o maior de todos os caminhos ou para nos perder ou para nos encontrar. A temporalidade.

Quem pretende reduzir a temporalidade da vida ser percebe a cada instante imaturo e prisioneiro dos seus impulsos e de modo especial da sua dependência do passado. Tanto Winnicott quanto Imoda convergem numa apreciação concreta sobre este argumento: quem não aceita o tempo perde a possibilidade de ser autêntico.

A perda constante da autenticidade é aquilo que impede a aceitação dentro do parâmetro de temporalidade. Inicialmente se aceitar parece algo simples pois muitos pensam que se aceitar é sinônimo de capacidade; só que é algo ainda maior. É entrar na interioridade do ser si mesmo e ali observar

com atenção tudo o que me fez chegar até o momento no qual me encontro. Só se aceita a si mesmo quem percebe que no desenvolvimento pessoal cada um atualiza sua realidade sem minimizar ou sem aumentar ou impedir descobrir a olho nu o que na realidade eu sou.

O primeiro passo para este caminho de amadurecimento diz respeito ao passado da pessoa que não pode ser nem reduzido nem eliminado; aqui está sim a capacidade de aceitação (Imoda, 2016, p. 113).

Como dar passos sólidos neste deixar de ser segurado e falsamente amparado por um ambiente que recorre frequentemente a teorias que não correspondem ao ser pessoa por mais que queira afiançar o caminho da personalidade de quem quer viver o celibato e a consagração a Deus como uma resposta íntima e eclesial.

Os apelos imediatos são prefigurados por uma constante ansiedade e ao mesmo tempo carência de chegar o mais rápido possível a ser ordenado ou a emitir os votos perpétuos.

Este seria o falso self sobre o qual muitos se sentem apoderados para continuar no assim chamado processo vocacional. Uma falsidade que não é totalmente “corrupta”, mas que não pode ser mantida durante a vida toda.

Através deste falso self o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e por meio de introjeções pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, ama-seca, tia, irmão ou quem quer que no momento domine o cenário (Winnicott, 1983, p. 134).

Parecesse inconveniente inicialmente, mas muitos adultos ainda vivem esta etapa de domínio sobre o qual o único cenário que mantem é aquele de projetar todo tipo de abusos e ao mesmo de tempo de incoerências nas pessoas que os rodeiam. Os círculos formativos devem se adaptar a suas ordens e os seus procedimentos abordam exclusivamente os ambientes por eles procurados.

Aqui nasce o maior de todos os riscos nas pessoas com tendências fortemente histriônicas; em dissociar tudo aquilo que pode ser verdade, mas que para eles é conveniente se mantenha como mera falsidade ou até fantasia.

Um risco particular se origina da não rara ligação entre abordagem intelectual e o falso self. Quando um falso self se torna organizado em um

indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso self, e neste caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática (Winnicott, 1983, p. 132).

Não podemos perder de vista que as emoções são o lugar do desenvolvimento, precisamente porque mesmo havendo algumas resistências interiores relativas ou não ao fato de ficar fechado dentro de você só quem expressa as emoções sabe viver em plenitude aquilo que é. As emoções são as mediações estruturadas e estruturantes das normas e regras. Uma pessoa estrita e agressiva na tradição nunca aprofundou as suas emoções o suficiente como para responder ao crescimento afetivo da sua própria história. As emoções sempre configuram aquilo que a pessoa como sujeito pode expor sobre si mesma.

Uma das maiores patologias que enfrentamos na atualidade por falta de uma clara maneira de viver as emoções é a pornô filia on line. Inúmeros consagrados dependem e vivem em função da dependência do pornô pois não trabalharam a grandeza do afetivo no âmbito emocional.

Parece que as pessoas dependem cada vez mais do uso da internet para obter prazer e aquilo que parecia suficientemente humano hoje se coloca diante de figuras atraentes, convencionais ou não; mas na sua imensa maioria descarregadas de qualquer provisão suficientemente humana.

Ao longo de mais de dez anos, temos observado uma particular constante: as mudanças da população em relação ao desenvolvimento e fluxo de constantes maneiras de aceder ao sexo de forma virtual e dependente ao ponto de não querer mais nada do que prazer em si mesmo (McGlone, 2012, p. 171).

Procurar então alguém que possa contribuir com a pessoa para ser sustento e não para sustentar é o grande ideal. Amigos e familiares podem se transformar em sustento na vida de alguém para que a pessoa possa encontrar dentro da sua vida aquilo que é chamado de presença constitutiva. Esta presença se transforma em espaço de reconhecimento dos valores transcendentais. O sustentar por sustentar é o terrível “laissez faire” me deixe fazer o que eu quiser que quando não der certo e você puder vem e limpa minha barra sem dizer que eu sou o responsável do que acabei fazendo.

Conclusão

O significado da realidade em se tratando das vulnerabilidades podemos concluir que toda vulnerabilidade sempre será exposição e conflito com o significado da realidade. A personalidade histriônica quer vista como distúrbio, quer como patologia sempre estará na constante tensão entre significado e realidade. Podemos ficar apontando ou simplesmente sussurrando no ouvido do ambiente formativo eclesial as frequentes carências que encontramos na formação dos presbíteros; só que somos chamados a olhar de frente a certas irreconciliáveis e conflitivas situações que se escondem ou melhor que se escancaram na vida quer do bispo, quer do presbítero.

Não é fácil oferecer um panorama saudável para o futuro se não optamos por uma pedagogia muito mais incisiva no sentido estrito da palavra.

Não podemos continuar nos consolando ou martirizando dizendo que esta é a época que tivemos que viver e que não há nada a ser feito pois esta é a geração que temos.

É urgente pôr a verdade como um todo e não uma visão parcial dela. Antropologicamente temos uma pergunta que não pode ser silenciada. Qual é o caminho mais objetivo entre verdade e mediação. Em segundo lugar a pergunta que Imoda se faz por mais de duas décadas. Porque muitas pessoas não podem ou não querem se servir da sua capacidade cognitiva para melhorar no processo formativo e se tornarem pessoas virtuosas e capazes de um desenvolvimento maior. O elemento constitutivo desta pergunta dirige-se toda ela ao âmbito da dignidade. As motivações mais íntimas que cada pessoa possui podem lhe conduzir ao fracasso ou ao sucesso pessoal sem precisar de pessoas que possam assegurar o seu futuro, olhando para um passado e um presente que ele mesmo não conseguiu construir. É fundamental que a pessoa possa vivenciar à luz da sua realidade mais significativa aquilo que lhe dará as ferramentas indispensáveis para superar por si mesma todas aquelas dependências que podem aparecer ao longo do caminho.

Existem três elementos que não podem ser perdidos de vista como realidades específicas do desenvolvimento; o primeiro, a presença como desenvolvimento cognitivo, a ausência como desenvolvimento afetivo e a transcendência como desenvolvimento pessoal.

Na medida em que a pessoa incorpora estas três dimensões dentro da sua realidade terá disponibilidade para resolver os conflitos e a consistência suficiente para responder sobre os seus desejos e de modo especial sobre a construção da sua autonomia no confronto das suas incompatibilidades.

Referências

- IMODA, Franco. *Sviluppo umano, psicologia e mistero*. Bologna: Ed. Dehoniane, 2016.
- IMODA, Franco. *Esercizi Spirituali e psicologia*. Roma: Centro Ignaziano di Spiritualità, 1991.
- McGLONE, Gerard. *The internet and Pornography*. Pontificia Università Gregoriana di Roma. New York: Paulistpress, 2012.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Campinas: Kirion, 2010.
- WINNICOTT, Donald. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Estudos Sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983/2007.
- WINNICOTT, Donald. *Realidad y juego*. Buenos Aires: Gedisa, 2000.
- ZOLLNER, Hans. *Safeguarding Minors: Challenges and Perspectives*. Pontificia Università Gregoriana di Roma. Louvain: Peeters, 2018.

Artigo recebido em 14/01/2026 e aprovado para publicação em 06/02/2026

Como citar:

SOLANO, Rafael. “Bonecos de luxo”: Limites e consequências da vulnerabilidade na vida do presbítero. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 63-72, jan./jun. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v25i49-2026-4>